

EAGLETON, Terry. **Sobre o Mal**. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2022, 152 p. ISBN 978-65-5711-142-0.

Francisco Leite \*

Na Teologia e nas Ciências da Religião tem ganhado cada vez mais espaço e relevância reflexões e pesquisas sobre a convergência e a intersecção existente entre Teologia/Religião e Literatura. De tão difusas que são essas perspectivas atualmente, dispensa-se a necessidade de oferecer exemplos dessa tendência nos estudos de Teologia e Ciências da Religião na academia, tanto dentro quanto fora do Brasil.

O crítico literário britânico Terry Eagleton possui uma obra farta que interessa tanto ao domínio da Crítica Literária quanto ao da Teologia/Ciências da Religião e certamente também às novas perspectivas que combinam ambas as áreas do saber. De sua autoria destacam-se livros já publicados no Brasil como *A Morte de Deus na Cultura* (2016), *O Debate sobre Deus* (2011) e o ensaio *Os Evangelhos/Jesus Cristo* (2009). Deve-se dizer que além dessas obras que abordam diretamente objetos típicos da Teologia/Ciências da Religião, a maioria de suas demais obras aborda temas teológicos com a devida erudição e expertise quando o assunto é incluído na discussão.

Percebemos com um olhar entusiasmado que as editoras brasileiras têm se empenhado bastante para traduzir as obras de Eagleton e, entre tantos livros desse autor que foram publicados no Brasil ultimamente, *Sobre o Mal* (2022) é uma importante obra para estudantes de Teologia e Ciências da Religião, pois

---

Resenha recebida em 11 de maio de 2023 e aprovado em 26 de dezembro de 2023.

\* Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Grego Bíblico da Universidade Metodista de São Paulo. Brasil. E-mail: ethnosfran@hotmail.com.

nesse livro o autor afirma que a seu ver: “o mal é realmente metafísico” (2023, p.21). Aí nos perguntamos: – Como um crítico literário marxista pode entender que o mal seja metafísico? Talvez seja necessário escrever uma tese para responder essa pergunta a partir da discussão proposta por Eagleton nessa obra que não é muito extensa. Apesar disso, ao menos alguns indícios da resposta a essa pergunta, podem ser indicados aqui.

*Sobre o Mal* (2022), de Terry Eagleton, como seus outros livros de ensaio, possui uma leitura fluída. Apesar da erudição do autor, que inclui uma imensa variedade de obras eruditas advindas de diferentes âmbitos das humanidades, mal se percebe a passagem do tempo enquanto se lê as 152 páginas desse livro. A agradabilidade dessa leitura é proporcionada pelo estilo característico do autor que realiza críticas incisivas à pós-modernidade por meio de seu elegante humor cínico e irrupções de dois tipos, em certos momentos, profundas reflexões teológicas, realizadas num nível mais elevado que o de qualquer humanista que não tenha a Teologia como formação acadêmica; em outros momentos, o autor golpeia seus leitores com informações histórico-sociais aterrorizantes que o trazem novamente à realidade concreta do mundo perturbador em que vive. É assim que se caracterizam as formulações de um crítico literário que se identifica como católico e marxista.

Nesse livro, o problema do mal é refletido principalmente a partir de sua incompreensão, sua falta de sentido, sua falta de propósito ou finalidade. De acordo com o autor: “O mal não está relacionado a nada além de si mesmo como uma causa” (2022, p.11), é por isso que ele também afirma: “Quanto menos sentido ele faz, pior ele é” (2022, p.11). Quanto a essa compreensão do mal, para não ficar na abstração – que não é uma característica dos textos de Eagleton –, o crítico traz como exemplo do mal na realidade concreta o horripilante caso dos dois garotos de dez anos que assassinaram um bebê; e, da literatura, discute o romance *Pincher Martin* de William Golding.

O capítulo 1: “Ficções a respeito do mal” (2023, p.25-72), que é o mais extenso – quase a metade da obra – contém uma discussão sobre o mal que descamba a tratar do inferno, que acaba por ser o principal assunto dessa parte do livro. A reflexão sobre o inferno a partir de *Pincher Martin*, elaborada por

Eagleton, é ao mesmo tempo aterrorizante para qualquer crente e filosoficamente consistente para um humanista cético. De acordo com Eagleton: “O inferno não são os outros, como afirmou Jean-Paul Sartre. É justamente o contrário. É ficar preso por toda eternidade com a mais lúgubre e indescritivelmente monótona de todas as companhias: a própria companhia” (2022, p.27).

No capítulo 2: “O gozo obsceno” (2022, p.73-114) são as três bruxas de Macbeth que representam o mal. Confesso que não li nada de Shakespeare com a devida atenção e olhar analítico, por isso meu juízo sobre o assunto é temerário, mas na descrição que Eagleton faz das bruxas, sobretudo do caldeirão delas, parece-me muito mais destacado o elemento do caos – que não deveria ser associado nem ao bem, nem ao mal, mas com a desordem, com a anomia – mais do que o mal propriamente dito. De acordo com o crítico britânico, as bruxas, assim como a morte de Pincher Martin, remetem ao mal por causa da falta de sentido. De acordo com Eagleton: “Ele [o mal] não tem, ou não parece ter, nenhum objetivo prático” (2022, p.77). Na minha modesta opinião, o caos também não, nem por isso é mal *per se*, mas essa não é avaliação do autor do livro.

Apenas 23 páginas são dedicadas para a última parte do livro, o capítulo 3: “Os consolos de Jó” (2022, p.115-138). Nesse capítulo, o crítico aponta para o fato de Jó não ter recebido de Deus justificativa alguma a respeito do mal que lhe acometeu, em vez disso, Deus lhe reafirmou seus próprios poder e grandiosidade. Assim resta a Jó saber que o mal lhe acometeu e pronto. Não há como questionar Deus pelo que lhe ocorreu, porque Deus simplesmente não está preocupado em dar justificativas. Deus estabeleceu o firmamento, criou as grandes criaturas marinhas etc., as ocorrências da vida de Jó são insignificantes perto dessas coisas que Deus fez, segundo ele próprio afirma. Mas, depois de mencionar o que ocorre no livro de Jó, Eagleton diferencia “mal” de “mau” e mantém a sua posição fundamental de que o mal está além da compreensão humana, enquanto afirma que o mau é causado por condições situáveis histórica e socialmente.

Ao descrever a diferença entre mal e mau, que está na conclusão de seu livro, Eagleton aponta, por um lado, para a existência do mal que é metafísico, que está além da compreensão humana, mas, por outro lado, aponta para o mau

que é resultado da vingança, de projetos ambiciosos e egoístas e relacionados com outras formas de individualismo perverso – como considera implicitamente o neoliberalismo. A falta da capacidade de identificar o que é mal do que é mau faz com que aquilo que tem explicação dentro da realidade concreta seja remetido à metafísica, como fazem os estadunidenses ao considerarem que o terrorismo realizado pelas ideologias islâmicas seja mal, enquanto, na verdade, é um mau, pois trata-se de uma resposta em forma de vingança dada a um mau que foi cometido pelos estadunidenses aos islâmicos anteriormente. Assim, o livro conclui-se com uma reflexão sobre um problema concreto da realidade, após ter passado pelo inferno e pela literatura.

Para ser sincero, apesar de todos os pontos positivos que a leitura desse ensaio instigante me proporcionou, senti muito a falta de uma referência ao Mito dos Vigilantes do livro de I Enoque. Mesmo que fosse apenas uma menção metafórica, esse mito, que é a mais importante teodiceia judaica do Mundo Antigo, a qual influenciou definitivamente o desenvolvimento das principais linhas do judaísmo e do cristianismo na Antiguidade, não podia ficar de fora da reflexão sobre o assunto. É de se esperar que um intelectual da envergadura de Eagleton tenha conhecimento desse mito e, ao menos de passagem, seria importante incluí-lo em seu ensaio porque a narrativa sobre a origem do mal desse mito envolve desejo, sexo, conspiração, condenação, violência e monstros, elementos que foram mencionados por Eagleton em algum momento do livro. Conforme a compreensão proposta por Eagleton, eu entenderia que, a partir do Mito dos Vigilantes, foi o mau que gerou o mal, e, afinal, parece que é isso que o autor dá a entender.

## REFERÊNCIAS

EAGLETON, Terry. **A Morte de Deus na Cultura**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2016.

EAGLETON, Terry. **O Debate sobre Deus**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.

EAGLETON, Terry. **Os Evangelhos/Jesus Cristo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

GOLDING, William. **Pincher Martin**. London: Faber & Faber, 2013.